

A loja do tio Abreião, meu pai

No meio ficava, ladeada pela casa de lavoura do Tio Aderbal e a padaria do Sr. Moreira, num pequeno largo delimitado pela estrada municipal, vinda da N13, que levava à parte *de baixo* da freguesia e continuava até à Póvoa, o mar sempre ao lado. Mas, no largo, era a casa do Dr. João Amorim que se destacava, abasileirada. As três portas da loja – estabelecimento de comércio de vinhos e mercearia – posicionavam-se simetricamente por debaixo das janelas do 1º andar. Para lá da estrada municipal ficava a Casa Paroquial, a Casa da Lavoura, a igreja e o terreiro, lugar de todas as aventuras em que as árvores, de que conhecíamos todos os ramos, tinham grande importância. Todos os jogos eram possíveis nesse espaço de encantamento, o futebol sempre, mas também o eixo, a estrancela, o agarra, o pião, o hóquei sem patins, as corridas de bicicleta à volta da igreja ou até ao cruzeiro.

A frente da loja era debruada por passeio protector. Entrados, acedíamos a um espaço amplo antes de chegar ao balcão que, do lado esquerdo, estava preparado para a venda do vinho verde, branco e tinto; mais para a direita, a balança *A. Pessoa*. Depois, a faca, fixa, de cortar o bacalhau às postas para a freguesia mais abastada já que os de mais fracos recursos compravam-no já demolido/dessado, 1 escudo a unidade; e um pequeno armário em madeira, rede deixando ver o pão: broa de milho, o *trigo* e a sêmea, pão de mistura vendido também aos quartos, 50 centavos cada.

Do lado direito do espaço público e ao fundo, uma mesa comprida. Desta mesa recordo as bacalhoadas pantagruélicas servidas a mulheres *felinianas* e seus homens, intermediários no negócio da batata. *Estonar* (descascar) as saborosas batatas acompanhantes do fiel amigo também me tocava, antes do *jantar*, agora almoço, a mudança de costumes a isso leva. Depois era a corrida apressada para a escola de Refojos, *Obra da ditadura nacional*, onde me esperava a disciplina e o saber do prof. Elias.

Esta mesa traz-me também a leitura exaustiva de *O Primeiro de Janeiro*, lençol aberto, as notícias do desporto em primazia, do futebol ao hóquei mas também o ciclismo *en su tiempo*, as voltas a Espanha, França e por fim, já no Agosto, a Portugal. E os clássicos da literatura, portugueses, *A Morgadinha dos Canaviais*, *Uma Família Inglesa* de Júlio Dinis, *Herculano* e as *Lendas e Narrativas* e outros, os da Biblioteca dos Rapazes, os românticos ingleses, *Walter Scott*, o mais entusiasmante.

A mercadoria estava exposta em *vitruines*, desde tabaco a miudezas variadas. O tabaco em maços – Português Suave, Paris, Três Vintes e os mais baratos, Provisórios e Kentucks, os populares *mata-ratos*, extremidades torcidas para que nada lhe caísse – fazia companhia a tabaco de onça, o Virgínia, mais suave, e o Holandês, mais escuro e comprado pelos pescadores. Os mais pobres compravam metade.

Na parte de baixo das vitruines e para venda a retalho armazenava-se, em compartimentos de madeira, os *lotes*, o açúcar, o arroz, a massa que chegavam em sacos de 50 kg. Atrás dos armários, num espaço aberto cabiam, do lado esquerdo, as pipas de branco e tinto, estas maiores, de 500 l, que obrigavam a perícia mais do que força para as levar da porta de entrada, deixadas ali depois de deslizarem do carro de bois por duas traves unidas por um gancho, para o seu lugar, assentes em peças de madeira, os *mancais*. Após o que era colocada a torneira em substituição do batoque extraído com a ajuda dum ponteiro, com o mínimo de desperdício do néctar. Um alguidar posto a preceito aparava o pouco que sempre espirrava, no entretanto.

Ah! Do lado direito e no topo deste espaço com janela gradeada para a rua, agora *do Sobe e Desce*, a máquina extractora do azeite, a *medidora*, no topo dum bidão de 100 l. Um quartilho (meio litro) ou mesmo um quarteirão eram os pedidos mais usuais. Já o vinho era medido com vasilhas de várias capacidades, enchidas com uma infusa. Como a loja não fechava, do lado esquerdo de quem entrava um tabique de madeira dava alguma privacidade a um espaço – sala de jantar seria muito *snob*, na altura – com a mesa das refeições familiares. A porta de entrada do lado esquerdo da casa acedia directamente a esta divisão que, durante algum tempo, serviu para recolha de leite que ia para os Lacticínios das Marinhas, donde continua a sair a melhor manteiga. No topo contrário, uma escada de madeira em caracol, de acesso ao primeiro andar, fechava o compartimento.

Mesmo ao lado da *medidora* do azeite – que passou para a venda do petróleo quando o meu pai adquiriu máquina mais moderna, com vantagens evidentes de higiene – uma escrivãzinha (que bonita palavra, vinda do séc. XIII) guardava os livros do *deve e haver*, das vendas a crédito, o fiado, cuja cobrança obrigava a bom senso. Esta escrivãzinha traz-me o horror duma publicação com as terríveis fotografias dos corpos dos massacres perpetrados pela UPA – União dos Povos de Angola – no início da guerra colonial, e que o governo central enviou para os presidentes das juntas de freguesia, numa política de propaganda contra os movimentos que reivindicavam, pela luta armada, a independência de Angola.

Por fim, ao fundo e do lado esquerdo, uma pequena escada dava acesso à ampla cozinha, com fogão a lenha e forno de cozer o pão de milho.

Onde, o lugar do meu pai, neste universo de memórias infanto-juvenis? Severo em extremo para com alguns filhos, oito nascidos e criados na *velha casa*; os carinhos que distribuía eram poucos pelo que recordo um dos poucos que me prodigalizou: a defesa enérgica perante estúpida perseguição de dois GNRs que me apanharam desprevenido a jogar – a bola absorvia-me, era um dos meus mundos – no adro da igreja, pela manhãzinha. Mas beijo, nunca, não era de seu feitio. Que se reflectiu na minha dificuldade em exprimir afectos...

Mas foi um homem à frente do seu tempo, corriam os anos 50 do séc. 20, na capacidade de pôr os filhos, cinco, a estudar. E ainda me questiono, porquê no Liceu, escola das elites, a maioria que prosseguia os estudos entrava na Escola Comercial e Industrial. O trabalho, fora das aulas, era normal, todos ajudavam nas tarefas da casa.

Meu pai fora emigrante em França, muito jovem, e no Brasil onde não enriqueceu. Foi no trabalho de comerciante de sucesso que angariou algum pecúlio. As dificuldades da 2ª Guerra Mundial no abastecimento das gentes da terra trouxe oportunidades aos mais determinados. Com um Ford Prefect, um dos poucos automóveis da freguesia, deslocava-se na procura dos bens essenciais, numa época de grande penúria que atingia duramente os pobres. Comprava-se uma *quarta* de açúcar, 125 gramas, cevada, sucedâneo do café, bem de luxo, pão de milho, a broa – que a minha mãe cozia semanalmente no forno a lenha - no trigo poucos punham o dente, uma posta de bacalhau demolhado... Carne de porco criado em casa e vendido na mercearia e a sardinha, conservada em sal, a consumir no inverno. O vinho, verde tinto, fazia parte da dieta e trazia sequelas, cirroses hepáticas, a *Marias Pardas* que vi morrer.

O Primeiro de Janeiro era jornal diário em casa, caso raro na aldeia, só o Dr. João comprava o Comércio do Porto, que me trouxe o prazer da leitura, e alguns livros – meu pai, leitor de Eça e Alexandre Dumas, tinha prazer em contar os enredos, à mesa – além dum *rádio* que me deixou ressonâncias na memória, de folhetins radiofónicos, relatos de futebol; e do hóquei em patins que nos trazia as poucas alegrias desportivas internacionais.

Dele herdei também o amor pelo cinema. Nunca esqueci o primeiro filme que vi no Cine-Teatro Garrett, acompanhado pelos irmãos: Peter Pan, história que já conhecíamos da banda desenhada de O Primeiro de Janeiro.